

A comida dos favelados

MARIE-CAROLINE SAGLIO-YATZIMIRSKY

O TEMA “Aspectos antropológicos da questão da nutrição e da pobreza” comporta em si um paradoxo, ou pelo menos uma certa ironia: a dimensão antropológica da alimentação – que diz respeito ao aspecto simbólico da comida, dos hábitos, das tradições e representações, dos ritos e tabus – é reduzida à pobreza, definida como “a condição de não-satisfação de necessidades humanas elementares, como comida, vestuário, educação etc.” (Monteiro, 2003).

Como o “instinto de sobrevivência do homem [...] faz com que suas necessidades alimentares tenham precedência sobre as demais” (ibidem),¹ desenvolvem-se estratégias de sobrevivência alimentar na situação de pobreza. Assim, o favelado pode resistir à fome, mas não escapa à deficiência nutricional, definida como o “aporte alimentar insuficiente em energia ou nutrientes” (ibidem).

A qualificação dos aspectos sociológicos dos favelados em relação à alimentação revela que, *em situação de pobreza, a alimentação não é mais um fator de sociabilidade, mas, ao contrário, de exclusão*. O questionamento das estratégias de sobrevivência desenvolvidas pelos “pobres” permite compreender as redes organizacionais e comunitárias que podem fortalecer um sistema nutricional.

Sabe-se, entretanto, que a alimentação é a mais elaborada e sofisticada das práticas de sobrevivência humana. A antropologia mostra que, mesmo em situação de miséria, a alimentação traduz a identidade do grupo social, as suas representações; ela evidencia a dinâmica cultural da alimentação e permite questionar o *habitus* alimentar das populações pobres, que se enraízam em mitos alimentares.

Para investigar esses temas, realizamos um estudo com moradores de favelas, os quais constituem um dos grupos mais vulneráveis à desnutrição no Brasil. Sabe-se que parte deles é migrante, tendo vindo para a periferia das grandes cidades para trabalhar; eles abandonaram a produção local agrícola e costumam alimentar-se com comidas energéticas e de rápida absorção, e sobretudo baratas.

O estudo foi realizado em duas favelas de São Paulo: a favela Maravilha e a antiga favela Vila Prudente, esta de acesso relativamente fácil e com infra-estrutura mínima (os esgotos foram construídos em sistema de mutirão). O outro campo investigado é mais precário: a favela Maravilha cresceu nos anos 1980, no bairro Cidade Tiradentes, perto dos conjuntos habitacionais da Cohab (Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo), na beira da mata do Parque do Carmo. Dez mil famílias vivem lá, a maioria de migrantes do Nordeste, em ruas de terra, em barracos de madeira ou de alvenaria, com teto de chapas de amianto. A renda média não atinge um salário mínimo.

Foram as agentes comunitárias do posto de saúde do Programa de Saúde Família/PSF, moradoras da própria favela, que nos acompanharam para entrevistar algumas famílias.² Deliberadamente, privilegiamos o relato dos favelados nas pesquisas elaboradas.

Alimentação dos favelados: abordagem sociológica

Alimentação e favelados

Nas favelas das cidades brasileiras, a condição de vida dos “pobres” caracteriza-se por baixa escolaridade, gravidez na adolescência, desemprego ou subemprego, violência e isolamento social, drogadição e alcoolismo, condições de moradia e saneamento inadequadas, não-acesso a saúde e educação.

Todos esses fatores confluem para criar condições e causas de desnutrição: adolescentes com uma dieta imprópria durante a gravidez dão à luz bebês desnutridos; mães não amamentam porque precisam trabalhar; o leite materno é substituído por “leite de caixa” e/ou leite em pó, insuficientes em micronutrientes e sujeitos à contaminação no preparo. Essas mães não têm como educar seus filhos do ponto de vista alimentar, e, quando eles crescem, compram para eles o que sacia a fome e é mais barato na venda. Instala-se o círculo vicioso.

As grandes tendências da alimentação das pessoas de baixa renda são bem conhecidas: proporção maior de gasto com alimentos no orçamento familiar, maior suscetibilidade às variações de preço, resistência à informação alimentar, consumo no domicílio, dieta monótona e pobre, com pouca diversidade. As preparações mais comuns levantadas por uma pesquisa em Maceió são estas: arroz, feijão, cuscuz, macarrão, pão, biscoito, carne (Sawaya et al., 2003, p.22). Nas duas favelas aqui estudadas, os alimentos mais preparados são: fubá, arroz, feijão, pão, leite de caixinha. A fruta não faz parte da dieta, ingerem-se pouca verdura e pouca carne, muito açúcar e gordura. Não existe uma refeição “completa”, ou seja, com arroz, feijão, carne e salada juntos.

Desestruturação da família e desestruturação da comida

Em razão da migração, do trabalho e da grande mobilidade que ele ocasiona, e pela própria condição de pobreza, a família nuclear se desarticula. Os padrões encontrados nas favelas são de três tipos: famílias reconstituídas com crianças de pais diferentes; três gerações convivendo juntas (a mãe com os filhos casados e os netos); e mães vivendo sozinhas com seus filhos. A família como estrutura social, organizada, ritualizada, com papéis diferenciados, deteriora-se.

O desemprego parece ser mais acentuado entre os homens do que entre as mulheres, as quais realizam pequenos serviços, como distribuir folhetos em sinal de trânsito nos finais de semana, fazer faxina, lavar roupa. O fato de a mãe trabalhar fora de casa é um fator de risco para a criança. Mas a maioria das pessoas, mulheres ou homens, não tem emprego.

Além do problema da qualidade da comida, há o da quantidade. As pessoas acordam tarde, às dez horas, por hábito, por falta de trabalho, por depressão

latente. A criança toma o desjejum ao meio-dia e almoça às quinze horas: só come uma vez por dia. E quando dorme, a “fome passa”.

Nessa família deteriorada, a alimentação não mais estrutura o ritmo cotidiano. As pessoas não comem juntas e a alimentação perde seu papel de promotora da convivência: não dá para convidar os vizinhos ou comer com eles. *A alimentação torna-se um fator de isolamento e não mais de socialização.*

Na favela: televisão e cultura alimentar industrial

A “desestruturação” da comida se agrava na cultura urbana, portadora do alimento industrializado e da televisão. Ao contrário dos pobres rurais, os favelados não têm como consumir produtos agrícolas próprios. Entretanto, têm maior acesso a uma comida variada e industrializada – expresso no consumo diário de refrigerantes, salgadinhos e biscoitos –, bem como à informação por intermédio da televisão. Também a comida de porção se desenvolve: geralmente não equilibrada (salgados, pizza, frituras etc.), tem a vantagem de ser barata. É comum ver a criança comer batatinha e biscoito. Por 1 real, a mãe compra um pacote de biscoito que sacia a fome.

Os favelados têm na televisão sua fonte quase exclusiva de lazer. A televisão fica no cômodo único, o cômodo familiar onde a criança permanece grande parte do dia porque, muitas vezes, não tem como brincar fora, não existe área de lazer. As crianças das duas favelas pesquisadas conhecem as marcas de biscoito e de refrigerante de que mais gostam e pedem para os pais. Além de expor os espectadores à propaganda, a televisão contribui para a redução da atividade física.

Resumindo, *não existe “família em situação de risco nutricional” – é quando já não há “família” que existe o risco alimentar.* O papel estrutural da comida se torna um papel desestruturante em meio pobre.

Estratégias de sobrevivência

Os moradores das favelas pesquisadas desenvolvem várias estratégias de sobrevivência, na preparação da comida, nas compras, no acesso a ajuda.

Estratégia de preparação de comida – Existem estratégias de preparação para não gastar, para ter mais. Por exemplo, o arroz não é refogado (Fabiana fala de “arroz cru”), o fubá é cozido só com água, o leite é misturado com água. Geralmente não há óleo, mas banha de porco, comprada em pedaço e frita para dar gordura. A camada que se solta quando frita, o torresmo, é comida também. O óleo, quando há, é sempre reaproveitado várias vezes.

Quando não têm gás, as pessoas preparam o fogão no chão: bastam dois tijolos, fogo e uma peça de latão para dividir do resto do cômodo.

Na favela Maravilha a água é da Sabesp, mas não existe canalização de esgoto. Muitas crianças têm diarreias, mas as famílias não fervem a água por falta de costume.

Estratégias de compras – Na Maravilha, as pessoas compram na feira. Vão “fazer a xepa” ou pegar o que sobra: folha de couve-flor, folha de cenoura, de

beterraba. O problema é que as pessoas têm vergonha de pedir, e em geral mandam as crianças. Elas pedem mais freqüentemente. Fazem fila perto da barraca de pastéis no dia da feira e pedem às pessoas para ganhar um.

Os moradores da favela Vila Prudente têm acesso a uma rede de comércio maior, e se quiserem podem ir até o supermercado no bairro vizinho. Algumas mães fazem ronda no supermercado para achar produtos mais baratos. Existe também o sistema de atacado, reservado às famílias mais ricas: três ou quatro famílias compram e dividem as compras.

Estratégias de crédito – Há o sistema do vale e do crédito com o perueiro ou com a venda, o que parece bastante comum. O limite das estratégias de crédito é dado pelo receio de não haver devolução do vale. Uma das leis tácitas da favela caracterizada pela narcoeconomia é a do pagamento das dívidas. Às vezes, as pessoas preferem não comer a ficar devendo.

Estratégias de ajuda comunitária e solidariedade – A organização da própria comunidade no que concerne à alimentação parece quase inexistente. As pessoas não batem na porta do vizinho (prática da qual ouvimos falar nos conjuntos da Cohab). A troca não existe.

De vez em quando, na favela Maravilha, uma ou duas mães fazem comida – “uma tem o arroz, a outra tem gás em casa” – e mandam para outras crianças, sobrinhos, vizinhos. Maria, da favela Maravilha, testemunha: “Tem famílias pedintes, mas que pedem fora do bairro. Porque no próprio bairro elas têm vergonha, e também porque aqui tudo se vende, mas nada se dá”.

Estratégias de acesso à ajuda alimentar – Existem vários programas de ajuda, como o de doação de cesta básica, de leite etc.

Na favela Maravilha, a Associação de João, que também anima o centro de umbanda, propõe um programa de cesta básica e de doação de leite. Muitas famílias estão cadastradas para receber a cesta, composta por dez quilos de arroz, lata de óleo, feijão, macarrão ou farinha e açúcar.

Há também o programa Viva Leite,³ mas as pessoas se queixam de muita “roubalheira” no sistema. E as mulheres se queixam dos homens que trocam o leite por cigarros. Há crianças que são mandadas pelos pais ao posto de saúde para revender o leite que a família recebeu.

O cartão alimentar, que se troca por 60 reais para comprar comida, beneficia também algumas famílias. Mas, para Fabiana, “a cesta é melhor do que o cartão-alimentação, porque o chefe da família que recebe o dinheiro vai gastar não em alimentação básica, mas em cigarro e pinga”. Entretanto, o cartão é distribuído teoricamente às mulheres.

O posto de saúde também desenvolve estratégias de distribuição: as agentes comunitárias dividem uma cesta básica entre três famílias, segundo as respectivas necessidades. Em 2004, o posto organizou um caldo de galinha, com a contribuição de 1 real por pessoa. Havia sessenta crianças, e cada uma tomou mais de três copos, mostrando uma fome enorme.

O posto de saúde de Cidade Tiradentes (Hospital Santa Marcelina) desenvolve a prática da multimistura.⁴ As mães vêm pedir um pacote no posto, ou a agente comunitária os distribui. Além de ser uma preparação questionada pelos profissionais da saúde, principalmente por causa de risco de contaminação, a multimistura é limitada em sua utilização: algumas mães não a oferecem do modo certo.

Limites das estratégias

Existem muitos mal-entendidos e preconceitos tanto por parte dos moradores das favelas como por parte do restante da população, o que impede uma maior organização da comunidade para enfrentar o problema da alimentação.

Por parte dos moradores, as queixas mais comuns são a falta de credibilidade das ações governamentais, a falta de ações realistas e concretas.

Para as agentes do posto de saúde, o problema maior é a falta de vontade e de mobilização dos favelados. Uma agente da favela Maravilha diz: “Não tem ações da comunidade. Ela espera benefícios imediatos. Os pobres se apresentam como vítimas: vão ao posto de saúde e reclamam. Vêm para levar a multimistura e vão embora”. Ela traz o exemplo do início do recente programa de assistência: “Tinha reunião com os moradores. Na primeira reunião houve uma grande participação, só que só teve discussão. Assim, as pessoas não voltaram na segunda sessão. As pessoas se desanimam muito rapidamente. Na terceira, foram distribuídos cartões para comprar comida. Na quarta reunião, todo mundo voltou”.

Outro problema é a falta de amor-próprio e de conscientização. Por que Fabiana continua a engravidar quando já tem três filhos que ela não tem como alimentar e criar? As pessoas sofrem de um certo fatalismo: “Não dá pra fazer nada, é assim...”.

As agentes acham que os programas precisam de uma participação maior da população: a própria comunidade deveria cozinhar a multimistura ou a sopa.

Por parte da sociedade e dos políticos, além da falta de informações sobre essas estratégias de sobrevivência, existem preconceitos: os pobres são vistos como folgados, preguiçosos, sujos, além de viverem no mundo da violência e da droga. Esses preconceitos limitam necessariamente as ações e a mobilização da sociedade civil.

Habitus populares e mitos alimentares

O habitus popular

O *habitus* popular manifesta-se na representação do que é a comida para as pessoas perguntadas: “feijão com arroz”,⁵ ou “arroz-feijão-batata frita-carne”. Não há salada na lista: “Não somos coelho para comer folha”, diz o dito popular. Comer bem é comer uma comida que sustenta, que fica na barriga. Quando se fala de carne, participa-se da mitologia sangüínea, aquela que assimila a carne à força do boi (Barthes, 1957, p.77).

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1979) desenvolve o conceito de *habitus* definindo-o como um sistema de disposições, representações e práticas sociais, resultado da interiorização das estruturas objetivas; caracteriza-se por um sistema comum a um grupo ou classe. Assim, o gosto depende também da idéia que cada classe tem sobre o próprio corpo, sobre as próprias necessidades, a força, a saúde. Camadas populares, atentas à força corporal, preferem alimentos nutritivos, energéticos e baratos.

O *habitus* alimentar popular é ligado às representações do corpo: sabe-se também que nas classes pobres a atenção ao corpo e à aparência física não é tão importante quanto nas demais.

A comida como marcador de identidade regional

Não há o desaparecimento total das tradições culinárias. A comida aparece como um marcador de identidade e de distinção regional. É surpreendente ver a variedade de preparações culinárias dos favelados, mesmo sem recursos.

Por exemplo, nas comunidades nordestinas, existem diversas preparações muito específicas, diferindo de acordo com a região: Bahia, Maranhão, Alagoas, Pernambuco. Na favela Vila Prudente, onde a renda média é um pouco mais alta e a variedade dos produtos maior, existe essa tradição: numa festa ou durante um fim de semana cozinham-se comidas típicas – baião-de-dois e cuscuz com galinha caipira, munguzá, tapioca salgada com carne-seca do Ceará, canjica meio doce, fava com carne-seca de Salvador etc. A família do Ceará não conhece o que comem os vizinhos de Salvador, e reciprocamente.

Na favela Maravilha, observamos que nas famílias nordestinas o arroz-feijão não é tão comum. Existem famílias nas quais não se come arroz; no jantar come-se caldo de feijão e pão, cuscuz de fubá etc.

Foto Eder Chiodetto/Folha Imagem - 24/1/2002



Igor dos Reis, morador da favela de Vila Alda, caiu da escada ao tentar pegar o chinelo.



Foto Evelson de Freitas/Folha Imagem – 6/12/1999

As filhas da costureira Maria das Graças Silva olham pela janela do barraco à venda na favela da Vila Prudente, em São Paulo, por causa do alto índice de violência na região.

Quantidade versus qualidade

Entre os mitos⁶ fundadores da alimentação, existe um que parece valer tanto para as camadas mais altas quanto para as mais pobres: o da abundância.

Roberto DaMatta (1986, p.56) fala da mistura simbólica do “preto com o branco” no “feijão com arroz” – “esta comida que é até mesmo usada como metáfora para a rotina do mundo diário” – e também do papel da farinha de mandioca (ou farofa), que “serve como o cimento para ligar a comida”. Segundo DaMatta, a comida brasileira se caracteriza pela mistura do sólido com o líquido, de muitos ingredientes, tanto na feijoada como na moqueca nordestina. A comida brasileira é ligação, é “culinária relacional que expressa de modo privilegiado uma sociedade igualmente relacional” (ibidem, p.63).

Mais do que essa “ligação” simbólica, achamos que um dos critérios de satisfação do paladar é a “abundância” – basta ver as redes mais comuns de restaurantes, os “quilos” e o rodízio. O que isso significa no caso de população carente? As churrascarias são certamente inacessíveis a ela. Mas um dos prazeres, quando se tem um mínimo de dinheiro, será procurar a quantidade, e não a qualidade.

Conclusão

Vimos que a alimentação vem sendo analisada com diferentes abordagens interligadas: a econômica (relação entre renda e acessibilidade, preços etc.), a sociológica (voltada para as associações entre a alimentação e a disposição social do trabalho, os diferentes estilos de vida) e a antropológica (*habitus* alimentar de classe, hábitos culturais, representações corporais e da alimentação).

Pudemos observar também que o problema da nutrição integra a questão da estrutura familiar, da moradia, da higiene, da água e do esgoto, da vacina, do trabalho das crianças. Nas favelas, temos uma multiplicação de todos os fatores de risco alimentar: vida sedentária, comida muito rica em gordura e açúcar, refeições desorganizadas.

À exceção das ações das agentes comunitárias,⁷ parece-nos que o limite das demais políticas atuais está no fato de serem antes de tudo assistenciais e não participativas. E, mais do que a distribuição pontual de alimentos, são políticas de emprego e de educação maciça que poderão solucionar, em longo prazo, o desafio da nutrição em meio pobre.

Uma solução antropológica seria combater os mitos. Algumas ações de comunicação teriam um impacto maior sobre as pessoas mais carentes se, por exemplo, no horário das novelas, uma publicidade com a seleção brasileira de futebol apregoasse este *slogan*: “Criança come comida de campeão: legume e verdura, frutas e leite”, ou se a apresentadora Xuxa falasse do seu lanche brasileiro de banana e mexerica.

Notas

- 1 A pobreza geralmente é medida pela renda familiar e a desnutrição, pela insuficiente relação peso/altura.
- 2 Pesquisa de campo realizada em maio e junho de 2005, com o apoio financeiro do Institut de Recherche pour le Développement.
- 3 O “Programa Viva Leite”, parceria da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento e da Secretaria Estadual de Saúde, distribui cerca de doze litros de leite por mês para crianças de seis meses a seis anos de idade. Beneficia famílias com renda de até dois salários mínimos ou desempregadas.
- 4 Preparação feita de farinha de trigo, semente de girassol, casca de ovo (cálcio), folha verde (pé de chuchu ou mandioca, que fornece o ferro), fubá e amendoim ou castanha de caju. Depois de secar, os produtos são socados e peneirados. Uma colher deve ser misturada na sopa, no leite ou no caldo de feijão. As enfermeiras do posto de saúde se queixam das dificuldades para encontrar os ingredientes: as cascas de ovo são geralmente coletadas nas padarias e as folhas verdes, nas feiras.
- 5 Cf. “Brasil é o país do arroz com feijão” consumido em todas as camadas sociais, *Folha de S.Paulo*, 26 de junho de 2005. Em relação ao prato nacional, os paradigmas interpretativos de Bourdieu não parecem funcionar tão bem: na elite ou na classe pobre, o prazer de uma boa feijoada é o mesmo.
- 6 O mito consiste em uma forma de linguagem que se apropria da realidade e a representa, em uma dupla cadeia semiológica; o signo (o total de um conceito, o significado, e de uma imagem) se torna só significante (cf. Barthes, 1957, p.201).
- 7 As agentes comunitárias encaminham famílias cadastradas, visitam, controlam o crescimento das crianças graças às carteiras individuais e às tabelas de controle, distribuem multimistura, falam da alimentação, promovem o consumo de frutas e legumes e recomendam comer três vezes por dia.

Referências bibliográficas

BARTHES, R. *Mythologies*. Paris: Seuil, 1957. (Coll. Points)

BOURDIEU, P. *La distinction*. Paris: Minuit, 1979.

BRAGA, V. Cultura alimentar: contribuição da antropologia da alimentação. *Saúde Revista*, Piracicaba, 2004, v.6, n.13, p. 37-44. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/saude13art05.pdf>>. Acesso em maio de 2006.

DaMATTA, R. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FOLHA DE S.PAULO. Brasil é o país do arroz com feijão. São Paulo, 26 de junho de 2005.

LÉVI-STRAUSS, C. *Le triangle culinaire*. Aix-en-Provence: L'Arc, 26, 1965.

MACIEL, M. E.; MENASCHE, R. Alimentação e cultura, identidade e cidadania. O Brasil tem fome de quê? Disponível em: <<http://brazil-brasil.com/index.php?option=content&task=view&id=228>>. Acesso em maio de 2006.

MONTEIRO, C. A. A dimensão da pobreza, da desnutrição e da fome no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.17, n.48, maio-ago. 2003.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Nas salas de aula de São Paulo, 25% estão desnutridos e obesos. São Paulo, 22 de maio de 2005.

SAWAYA, A. L. et al. Os dois Brasil: quem são, onde estão e como vivem os pobres brasileiros. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.17, n.48, maio-ago. 2003.

RESUMO – AO PROPOR uma qualificação dos aspectos sociológicos dos favelados em relação à alimentação, observa-se que a alimentação, em situação de pobreza, não é mais um fator de sociabilidade, mas, ao contrário, de exclusão. A abordagem econômica (constrangimento financeiro, acessibilidade) e a abordagem sociológica (famílias desestruturadas, desemprego, estilo de vida) explicam parte das práticas alimentares dos favelados e as estratégias de sobrevivência alimentar que eles desenvolvem. Além disso, a abordagem antropológica relaciona as práticas com o *habitus* alimentar de classe, os hábitos culturais e as representações corporais dos “pobres”, oferecendo elementos para a compreensão da desnutrição.

PALAVRAS-CHAVE: Favelados, Família, Exclusão, Desnutrição, Pobreza, Práticas e *habitus* alimentares, Classe social.

ABSTRACT – WHEN considering a qualification of the sociological aspects of the slum-dwellers in relation to feeding, we may note that nutrition, in context of poverty, is not anymore a factor of sociability, but, on the opposite, of exclusion. The economic approach (financial constraint, accessibility) and the sociological one (fragmented families, unemployment, style of life) explain part of the diet of the slum-dwellers, and the

strategies of survival they develop in relation to food. Moreover, the anthropological approach relates practices with *habitus* of class, cultural habits and corporal representations of the “poor”, offering elements for the understanding of the malnutrition.

KEYWORDS: Slum-dwellers, Family, Exclusion, Malnutrition, Poverty, Practices and *habitus*, Social class.

Marie-Caroline Saglio-Yatzimirsky, antropóloga, é professora doutora no Institut National des Langues et Civilisations Orientales (Inalco, França), pesquisadora associada ao Institut de Recherche pour le Développement (IRD, França), e pesquisadora visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP.

@ – saglio@free.fr; marieyat@hotmail.com

Recebido em 15.5.2006 e aceito em 16.6.2006.